

A VINGANÇA DA UCRÂNIA CONTRA O OCIDENTE

Por M. K. Bhadrakumar*

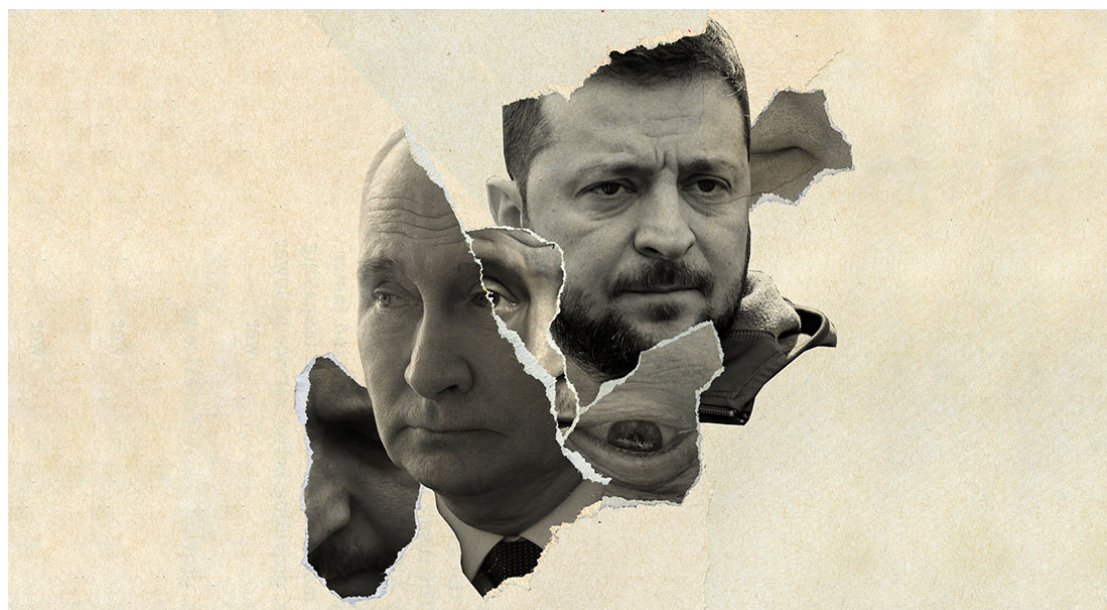


Ilustração de Anthony Gerace com fotografias de Ronaldo Schemidt, Mikhail Klimentyev, Yevgeny Biyatov e Sergei Supinsky (Via Getty Images).

À medida que o equilíbrio de poder muda novamente na Ucrânia, suas reverberações afetarão a própria unidade do projeto da UE.

A política vetorial na Ucrânia acrescentou novas dimensões ao conflito que já dura 222 dias. Normalmente, qualquer comportamento de conflito deve terminar quando um novo equilíbrio de poderes for determinado. Mas o “equilíbrio de poderes” não terminará até que um equilíbrio seja realmente alcançado – e abundam as evidências de que a Ucrânia está prestes a entrar em mais um “reequilíbrio”.

A ratificação pela Duma russa da anexação de quatro regiões da Ucrânia (Repúblicas Populares de Donetsk e Luhansk, bem como as regiões de Kherson e Zaporizhya), e a adoção das respectivas leis, cria uma nova dinâmica e levará algum tempo para criar um novo equilíbrio de forças no terreno na Ucrânia.

Enquanto isso, o ambiente externo também está se transformando fenomenalmente. O aprofundamento da crise energética na Europa após a sabotagem dos gasodutos Nord Stream torna-se uma séria contradição. Não há como saber como isso pode ser reconciliado.

Assim, uma situação complexa se apresenta, pois tudo isso também está acontecendo no contexto de um maciço acúmulo militar russo em torno da Ucrânia na região de Kharkov e na região sul do Mar Negro, com longos comboios de blindados supostamente indo para a Crimeia da Rússia.

AS NOVAS FRONTEIRAS DA RÚSSIA

A ratificação unânime da Duma da adesão de quatro regiões à Rússia na segunda-feira era esperada, a legislação relevante foi devidamente ratificada na terça-feira pelo Conselho da Federação (a câmara alta do parlamento), e possivelmente o presidente Putin também assinará os documentos hoje, após o que entrará em vigor. Ou seja, a partir de 5 de outubro, as regiões ucranianas anexadas passarão a fazer parte da Rússia.

É importante ressaltar que a Duma aprovou as propostas do governo sobre o estabelecimento das fronteiras das novas regiões, com base na delimitação de territórios que “existiam no dia de seu estabelecimento e adesão à Rússia”.

Os tratados relevantes estabelecem que as fronteiras adjacentes ao território de um país estrangeiro serão a nova fronteira estatal da Rússia. Dito claramente, as antigas fronteiras da era soviética estão sendo restauradas nessas regiões.

A determinação das fronteiras do estado russo tem implicações de segurança. Nas regiões de Donbass e Zaporizhya, existem vastas áreas que ainda permanecem sob o controle das forças ucranianas. A cidade de Liman, na República de Donetsk, foi capturada pelas forças ucranianas há apenas três dias. As incursões ucranianas em Kherson continuam. Lutas pesadas são relatadas.

Evidentemente, restam muitos negócios inacabados para Moscou controlar os territórios “ocupados” que anteriormente faziam parte de Donetsk e Lugansk. A região de Zaporizhya (que também é uma importante região litorânea no mar de Azov e faz parte do que os russos historicamente chamam de “Novorossiia”), é outra prioridade onde a capital do próprio *oblast* ainda não está sob controle russo.

“NYET” DA OTAN

Na situação emergente, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, solicitou formalmente a adesão da Ucrânia à OTAN de forma expedita, mas em poucas horas a aliança derramou água fria nesse pedido, explicando que qualquer decisão exigirá o apoio de todos os 30 estados membros.

Isso sinaliza que não haverá nenhuma intervenção da OTAN na Ucrânia. Moscou tomará nota. O recente “pensamento em voz alta” sobre o uso de armas nucleares parece ter servido ao seu propósito.

A reunião do conselheiro de segurança nacional dos EUA, Jake Sullivan, com o chefe do gabinete presidencial da Ucrânia, Andriy Yermak, em Istambul, no domingo, foi um assunto discreto. A Casa Branca disse que Sullivan prometeu o firme apoio de Washington à soberania e integridade territorial da Ucrânia e discutiu com Yermak a situação na Usina Nuclear de Zaporizhya e o trabalho contínuo da Ucrânia com as Nações Unidas para exportar alimentos para o mundo.

A leitura da Casa Branca sobre a ligação do presidente Joe Biden com Zelensky na segunda-feira mencionou um novo pacote de assistência de segurança de US\$ 625 milhões por Washington que inclui armas e equipamentos adicionais, incluindo

HIMARS, sistemas e munições de artilharia e veículos blindados. Biden prometeu “continuar apoiando a Ucrânia enquanto ela se defende da agressão russa pelo tempo que for necessário”.

Mais tarde, o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, disse que a recente entrega de ajuda elevaria o custo total da ajuda militar dos EUA à Ucrânia para mais de US\$ 17,5 bilhões. “Desenvolvimentos recentes... apenas fortalecem nossa determinação”, disse Blinken em comunicado na terça-feira. “Continuaremos a apoiar o povo da Ucrânia.”

“As capacidades que estamos entregando são cuidadosamente calibradas para fazer a maior diferença no campo de batalha e fortalecer a mão da Ucrânia na mesa de negociações quando for a hora certa”, acrescentou.

RENOVANDO A ESTRATÉGIA DA RÚSSIA

Por outro lado, o comando militar russo provavelmente terá que redefinir os parâmetros das operações militares especiais, uma vez que suas forças estarão doravante salvaguardando a integridade territorial e a soberania do país. Que forma ela tomará, ainda está por ver.

Até agora, a implantação real da Rússia foi inferior a 100.000 soldados. A maior parte dos combates foi feita por grupos de milícias, como combatentes de Donbass e Chechênia e o Grupo Wagner de ex-funcionários de serviços especiais e outros voluntários da Rússia.

Certamente, a indução de 300.000 soldados com experiência militar anterior afetará o equilíbrio militar geral em benefício da Rússia. O ministro da Defesa, Sergei Shoigu, disse que outros 70.000 homens também se ofereceram como voluntários, o que elevará a força total das forças adicionais em cerca de 370.000.

Agora, isso é um grande aumento. Para se ter uma noção das proporções, no auge da Guerra do Vietnã, o destacamento dos EUA era de cerca de meio milhão de soldados. Pela primeira vez, a Rússia terá uma vasta superioridade numérica sobre as forças ucranianas. Portanto, é inteiramente concebível que o antigo padrão de “moagem” das forças ucranianas possa mudar e o objetivo seja acabar com a guerra de forma rápida e decisiva.

A decisão dos EUA de estabelecer um centro de comando fora da Ucrânia (na Alemanha) parece antecipar ataques russos a centros de comando em Kiev e em outros lugares com uso muito maior do poder aéreo, como na Síria. De fato, o novo comandante do Distrito Militar Ocidental, tenente-general Roman Berdnikov, liderou anteriormente a intervenção russa na Síria.

Especialistas militares antecipam que, quando as chuvas de outono derem lugar ao inverno e o solo endurecer, as operações russas se intensificarão. Vozes de dissidência são ouvidas ultimamente na Rússia de que a guerra está serpenteando sem um cronograma como tal. Isso pode mudar.

Colocando claramente, o ponto sem retorno está se aproximando rapidamente de onde a Rússia não terá outra alternativa senão pressionar por uma mudança de

regime em Kiev e preparar o caminho para uma liderança ucraniana totalmente nova que se desfaça do domínio anglo-americano, e disposto a fazer um acordo com a Rússia.

UM MOMENTO KAFKIANO

Sem surpresa, porém, a atenção na Europa está se voltando cada vez mais para a crise econômica com inflação e recessão de dois dígitos iminentes, o que pode levar a agitação social e turbulência política em todo o continente. O crescente descontentamento público já está se transformando em protestos em muitos países europeus. A crise só pode se aprofundar quando o inverno chegar.

É concebível que a mudança no humor popular possa levar os governos europeus a se concentrarem em suas questões domésticas, em vez de se envolverem na guerra da Ucrânia. O mais fervoroso defensor da guerra sem fim com a Rússia é a Grã-Bretanha, mas mesmo Londres está envolvida em suas próprias crises econômicas (e políticas) maciças. A primeira-ministra Liz Truss está lutando pela sobrevivência política. Os conservadores praticamente perderam seu mandato para governar.

A SITUAÇÃO DA ALEMANHA

Mais uma vez, o bloco de oposição de centro-direita União Democrata Cristã/União Social Cristã no Bundestag alemão paralisou uma moção pedindo ao governo que “imediatamente” permitisse a exportação de tanques de batalha alemães e veículos de combate de infantaria para a Ucrânia. O *Politico* informou que “uma votação sobre entregas de armas no Bundestag arriscaria revelar rachaduras fatais na unidade do governo e poderia até levar à derrota do (chanceler Olaf) Scholz no parlamento”.

Por outro lado, o governo alemão também enfrenta pressão crescente dos aliados do Leste Europeu nas últimas semanas para aumentar drasticamente a escala e o tipo de apoio militar de Berlim à Ucrânia.

A influente revista *Foreign Policy* em Washington escreveu na semana passada: “Aos olhos dos aliados da OTAN de Berlim na Europa Oriental, particularmente os países que fazem fronteira com a Rússia, a Alemanha, o centro de poder econômico e político da Europa, não está fazendo o suficiente. E quanto mais demora, mais corre o risco de uma fratura diplomática de longo prazo com esses aliados no Leste.”

Mas, apesar dessa tática de pressão, pesquisas mostram que, embora cerca de 70% dos alemães apoiem a Ucrânia em geral, apenas 35% endossam um apoio militar mais forte.

Nesta situação, a sabotagem do gasoduto Nord Stream se encaixa na crise energética na Europa e ameaça os países europeus com a “desindustrialização”.

Para a Alemanha, em particular, o modelo econômico do país se baseia na disponibilidade de abundantes suprimentos de gás da Rússia, por contratos de

longo prazo, a preços baratos, por meio de gasodutos. Claramente, a sabotagem do Nord Stream tem implicações monumentais.

Certamente, quem perpetrou aquele ataque terrorista calculou astutamente que o gás russo não deveria fluir para a Europa no futuro próximo. O medo perene em Washington é que uma proximidade germano-russa possa se desenvolver se os laços de energia forem restaurados. Além disso, hoje, as companhias petrolíferas dos EUA estão tendo um enorme e inesperado lucro no mercado de energia europeu, substituindo a Rússia, vendendo GNL a cinco a seis vezes o preço doméstico dos EUA.

IMPEDINDO A RECONCILIAÇÃO RUSSO-ALEMÃ

O que complica é que a Europa precisa de segurança energética a curto e médio prazo sem também destruir as metas climáticas. Significa maior sensibilidade geopolítica. O ponto é que a transição energética ordenada da Europa para longe dos combustíveis fósseis precisa criticamente do gás russo e foi construída com base na suposição anterior de que haveria gás natural barato e abundante.

Indiscutivelmente, Moscou continuou esperando que o Nord Stream eventualmente fosse um catalisador para curar a ruptura nos laços energéticos germano-russos. Curiosamente, na segunda-feira, a gigante de energia russa Gazprom propôs aos clientes de gás europeus que parte da rede Nord Stream danificada ainda poderia transportar combustível – mas apenas no recém-construído Nord Stream 2. O Nord Stream 1 está praticamente destruído.

Uma declaração da Gazprom em sua conta do Telegram disse que uma das três linhas do Nord Stream 2 permanece inalterada e a gigante do gás diminuiu a pressão para inspecionar o *link* quanto a danos e possíveis vazamentos. O Nord Stream 2 tem uma capacidade de embarque de 55 bilhões de metros cúbicos por ano, o que significa que sua linha B pode entregar até 27,5 bilhões de metros cúbicos por ano para a Alemanha através do Mar Báltico.

No entanto, o Nord Stream 2 requer a aprovação da UE, o que é problemático, dadas as tensões entre Bruxelas e Moscou. Essas tensões só podem aumentar se a União Europeia (UE) aprovar a decisão liderada pelos EUA pelos países do G7 de impor um teto de preço ao petróleo russo.

Certamente, esse também é o cálculo de Washington – deter a Alemanha e manter a Rússia de fora. O espectro que assombra Washington é que Berlim pode perder o interesse na guerra da Ucrânia. A ascensão dos atlanticistas nos escalões do poder em Berlim nos anos mais recentes – e seu nexos com os burocratas virulentamente russóforos da UE em Bruxelas – até agora funcionou esplendidamente a favor de Washington.

A UE ESTÁ EFETIVAMENTE ACABADA

Mas o chão sob os pés está mudando, como mostrou a dramática virada na política da Suécia e da Itália.

Não subestime o “efeito Meloni”. O cerne da questão é que as forças de extrema direita invariavelmente têm mais a oferecer ao eleitorado em tempos de insegurança e dificuldades econômicas.

Também na França, o presidente Macron está imobilizado, sem maioria parlamentar para legislar, e sendo desgastado por crises em série. Quanto à Grã-Bretanha, a crise financeira desencadeada pelo orçamento do Chanceler do Tesouro Kwasi Kwarteng destaca fundamentalmente a escassez de modelos econômicos alternativos viáveis. A libra esterlina está em queda livre. Duas administrações conservadoras consecutivas não conseguiram criar um modelo pós-Brexit, enquanto os trabalhistas nunca quiseram o Brexit. O governo Truss é a última chance de realmente fazer o Brexit, mas ninguém está prendendo a respiração. E então, o Dilúvio – os eventos se intrometerão.

O que tudo isso significa é que os três principais centros de poder da zona do euro e da Grã-Bretanha estão achando difícil escapar do velho e moribundo mundo industrial do século XX e que este não é o melhor momento para enfrentar o meio milhão as forças aliadas russas na Ucrânia, apesar das bravatas do governo Biden.

Não dê crédito à cúpula inaugural da Comunidade Política Europeia (EPC, *European Political Community*) em Praga na quarta-feira, reunindo os líderes de 27 estados membros da UE e até 17 países não pertencentes à UE – ou seja, Reino Unido, Turquia, Macedônia do Norte, Montenegro, Albânia, Sérvia, Kosovo, Bósnia e Herzegovina, Geórgia, Ucrânia, Moldávia, Noruega, Suíça, Islândia, Liechtenstein, Armênia, Azerbaijão e Israel.

A pura verdade é que o projeto de integração europeia está encerrado. Qualquer tentativa de impô-lo produzirá uma reação severa. Olhando para trás, portanto, a ruptura com a Rússia deu início a um novo cenário geopolítico na Europa, onde o enigma de Bruxelas sobre a expansão da UE está exposto. O EPC nada mais é do que uma manobra francesa disfarçada para retardar a adesão real à UE de países da Europa Oriental e dos Balcãs.

A cúpula do EPC no Castelo de Praga serve apenas para destacar que este é um momento kafkiano na política europeia. Esta deve ser a vingança da Ucrânia contra a Europa por encenar um golpe tão cínico e violento em 2014 para cortar seu cordão umbilical com a Rússia.

Publicado no [The Craddle](#).

***M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.
